

A mística cristã como resposta à inquietação humana a partir da experiência de Charles de Foucauld

Christian mysticism as a response to human restlessness
based on the experience of Charles de Foucauld

* Daniel Antonio do Carmo

** Ceci Maria Costa Baptista Mariani

Resumo

Este trabalho tem como tema o encontro humano-divino na vivência religiosa, abordando a mística cristã como resposta à inquietação humana, a partir da experiência de Charles de Foucauld. O objetivo é analisar como a experiência mística vivenciada de Foucauld, dentro da perspectiva cristã, oferece respostas às questões existenciais e espirituais. A pesquisa propõe que, em um mundo marcado por complexas questões sociais e existenciais, conforme analisado pela *Gaudium et Spes*, a mística, enquanto vivência profunda da espiritualidade, pode servir como uma resposta para a crescente busca por sentido espiritual. O trabalho parte da premissa que as pessoas religiosas buscam afirmações para suas vidas com base em suas vivências humanas, e assume como problemática central a seguinte pergunta: seria a mística cristã capaz de oferecer uma resposta a essa inquietação? Como resultado, a pesquisa demonstra, a partir de metodologia bibliográfica exploratória, que a mística cristã pode ser uma resposta eficaz à inquietação humana e uma motivação para o compromisso social.

Abstract

This paper focuses on the human-divine encounter in religious experience, addressing Christian mysticism as a response to human restlessness, based on the experience of Charles de Foucauld. The objective is to analyze how Foucauld's lived mystical experience, within the Christian perspective, offers answers to existential and spiritual questions. The research proposes that, in a world marked by complex social and existential issues, as analyzed by *Gaudium et Spes*, mysticism, as a profound experience of spirituality, can serve as a response to the growing search for spiritual meaning. The work starts from the premise that religious people seek affirmations for their lives based on their human experiences, and assumes as a central question the following problem: would Christian mysticism be capable of offering an answer to this restlessness? As a result, the research demonstrates, based on an exploratory bibliographic methodology, that Christian mysticism can be an effective response to human restlessness and a motivation for social commitment.

Palavra-chave: Mística
Cristã; Charles de Foucauld;
Humanidade

Keyword: Christian mysticism ; Charles de Foucauld ;
Humanity

*Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Contato: d@nielantonio.com

** Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Campinas e da Faculdade de Teologia (PUC-Campinas). Contato: cecibm@puc-campinas.edu.br

Texto enviado em
11.01.2025
Aprovado em
22.04.2025



Introdução

A busca por significado e propósito é uma constante na experiência humana, especialmente em tempos de incerteza e crise. A vida de Charles de Foucauld, marcada por uma profunda transformação espiritual e um compromisso inabalável com os mais necessitados, oferece um rico campo de reflexão sobre a mística cristã como resposta à inquietação inerente ao ser humano. Em um mundo repleto de desigualdades e desafios sociais, a vivência mística de Foucauld não apenas ilumina a relação entre o humano e o divino, mas também propõe um caminho de transformação interior que se traduz em ações concretas de amor e solidariedade.

Este artigo se propõe a explorar como a mística cristã, através do testemunho de Foucauld, pode servir como uma resposta eficaz às angústias existenciais contemporâneas, promovendo um engajamento ativo com as questões de justiça e fraternidade que permeiam a sociedade atual.

A experiência espiritual de Charles de Foucauld, místico e eremita francês do século XIX e início do século XX, tem sido uma das mais poderosas fontes de reflexão teológica e espiritual para o cristianismo, pois foi fruto de uma vivência profunda e transformadora da fé. (SANTANA, 2024). A partir de seu testemunho contido especialmente nas anotações de retiros, podemos ver que a sua vivência mística, no contexto da tradição cristã, oferece respostas à inquietação humana fundamental.

Existe uma inquietação no ser humano que o leva a buscar respostas aos questionamentos sobre si, afirma a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS). A humanidade - através de afirmações ora otimistas, ora pessimistas - no decorrer da história, inferiu muitos conceitos sobre sua essência, na tentativa de responder o questionamento “Quem sou eu?”, e diante disso, é possível notar que o homem “já formulou, e continua a formular, acerca de si mesmo, inúmeras opiniões, diferentes entre si e até contraditórias [...]”. (GS, 12).

A mística, enquanto vivência profunda do cristianismo, é, como observamos na experiência de Charles de Foucauld, uma resposta à inquietação humana diante das questões fundamentais sobre sentido, transcendência e comunhão com o divino. Na vivência espiritual de Foucauld, ela se expressou como entrega total a Deus e serviço aos mais vulneráveis. Este artigo propõe demonstrar, a partir de leitura exploratória de escritos de Foucauld, que a mística cristã pode

iluminar a relação humano-divino, oferecendo não apenas conforto diante das angústias existenciais, mas também um caminho de transformação interior e engajamento com o mundo. O itinerário deste artigo percorre os seguintes objetivos específicos: conceituar inquietação a partir das reflexões do Concílio Vaticano II; compreender as experiências de Charles de Foucauld narradas nos seus escritos; e expor a relevância de sua vivência espiritual, sobretudo no âmbito social.

A justificativa para a realização deste estudo reside na crescente busca por respostas espirituais no contexto de um mundo marcado por complexas questões sociais e existenciais. Busca-se, resolver a seguinte questão: a mística cristã seria capaz de dar uma resposta a esta inquietação? Tendo em vista o contexto global de desigualdades crescentes e crises humanitárias, como é possível integrar a mística cristã à vida cotidiana, de modo que ela possa ser uma resposta efetiva e prática para as questões de justiça, fraternidade e transformação interior e social?

1. A inquietação humana e a mística

Para apresentar a mística desenvolvida por Charles de Foucauld como resposta à inquietação humana é necessário compreender duas realidades: o que se entende por inquietação e como a experiência de um eremita do deserto pode responder a este movimento interior que leva o homem a se questionar e, por vezes, se angustiar.

Existem inúmeras definições para o conceito de inquietação, neste trabalho adota-se o resultado das discussões presentes na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*¹, pois apresenta uma análise sistemática das complexidades da vida, a busca humana por respostas e possíveis soluções amenizadoras para o problema da inquietação. Diante disso, a GS se destaca como uma referência crucial para a compreensão da dinâmica entre a experiência espiritual e as realidades contemporâneas. É importante compreender que esta Constituição Pastoral é o um dos resultados do Concílio Vaticano II.

Um concílio representa sempre um momento crucial na vida da igreja, e tem como propósito tratar questões relevantes e oferecer respostas adequadas

1. Neste texto será utilizada a abreviação GS, seguida do número que corresponde ao parágrafo, para citar a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.

a determinado contexto histórico, pois através de um concílio universal ou ecumênico, o Magistério da Igreja católica emite decisões sobre importantes desafios tanto para a igreja quanto para o mundo (ALMEIDA, 2012)

Esse evento atua como um instrumento legítimo para que o colégio dos bispos intervenha em toda a igreja, representando-a em sua totalidade, no entanto, é importante destacar que um concílio não possui autoridade superior à do Papa; na verdade, ele só pode ocorrer com sua autorização ou, no mínimo, com sua acessibilidade, além disso, todos os fiéis têm o dever de acolher e assimilar as decisões de um concílio (ALMEIDA, 2012).

O concílio é por sua natureza uma assembleia consultiva e deliberativa. Desempenha papel diretivo e de ordem. É um instrumento da igreja terrena, a qual, por seu turno, não é uma reunião de conselho, mas é, por essência, a reunião em torno da palavra e do Senhor feito alimento. A igreja é a participação antecipada do banquete nupcial de Deus. Ela constitui o banquete de Deus e faz com que a palavra de Deus seja sempre atual. Por isso, ela nunca corre o perigo de chegar à decadência, mas, ao contrário, busca os horizontes que não pertencem a este mundo (RATZINGER, 1974, p.153).

Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII era um homem simples e piedoso, preocupado com as minorias e os desfavorecidos. Sua alegria jovial e paternal surpreendeu o mundo, e, apesar de seu breve tempo à frente da igreja católica, ele se destacou por sua benignidade e cordialidade. Sua coragem em convocar o Concílio Ecumênico Vaticano II, mesmo em meio ao descrédito de seu pontificado, foi um ato significativo que refletiu sua visão pastoral e seu desejo de renovação na igreja (SOUZA, 2004, p. 24).

O Concílio Vaticano II representou um marco fundamental no diálogo da igreja católica com o mundo. Ocorreu em um contexto histórico marcado por intensas transformações e inovações, pois, ainda pairavam incertezas em relação ao Concílio Vaticano I, interrompido pela guerra franco-prussiana entre 1869 e 1870. Durante o Vaticano II, o cenário global era caracterizado por um desenvolvimento econômico acelerado, impulsionado pela Revolução Industrial, o que trouxe mudanças significativas, como a expansão do uso da eletricidade, a descoberta do petróleo, avanços na química e a manipulação do aço. Embora o pensamento capitalista estivesse se consolidando, ele se

mostrou insuficiente para garantir os direitos dos trabalhadores e integrá-los plenamente à nova realidade industrial (ALMEIDA, 2012).

Os acontecimentos que antecederam o Concílio Vaticano II foram cruciais para definir sua importância na história da igreja. Em 1913, o Papa Pio X introduziu medidas rigorosas por meio da Congregação do Santo Ofício, com o objetivo de combater erros doutrinários. No campo político e social, o Papa Bento XV, durante seu pontificado (1914-1922), tentou, embora sem sucesso, mediar a Primeira Guerra Mundial, um conflito que abalou profundamente as preocupações no progresso e na razão. Nesse período, ideologias como o Fascismo, o Nazismo e o Comunismo surgiram, buscando impor suas visões de classe e raça, o que dificultou a consolidação de uma nova ordem mundial. A Primeira Guerra Mundial, por sua vez, revolucionou de forma global através de suas descobertas, que se intensificou após a Segunda Guerra Mundial, inaugurando um novo paradigma marcado pela globalização e pela abertura ao ecumenismo (SOUZA, 2004).

Durante o pontificado de Pio XI (1922-1939), a igreja enfrentou desafios crescentes devido à ascensão de movimentos católicos que buscavam restaurar a fé em um mundo cada vez mais secularizado, e em resposta, Pio XI esforçou-se para revitalizar a presença da igreja por meio da ação católica, que foi um movimento concebido como uma extensão da posição eclesiástica, com o objetivo de promover o Reino de Deus. A participação ativa dos leigos nesse movimento foi, mais tarde, fundamental para preparar o terreno para o Concílio Vaticano II, pois permitiu que as complexidades e reflexões da modernidade fossem integradas à vida da igreja, fomentando um diálogo mais profundo com a realidade contemporânea (SOUZA, 2004).

No papado de Pio XII, a igreja católica adotou uma postura de superioridade e centralidade cultural, evitando abordar questões sociais em seus documentos. Com isso, a igreja foi assumindo uma atitude defensiva e apologética, rejeitando diversas doutrinas contemporâneas, como o existencialismo, o evolucionismo e o historicismo, além de censurar muitos pensadores. Essas ações foram vistas como tentativas do papa para estabilizar a igreja em meio a um contexto de agitações e tensões, mesmo reconhecendo a necessidade de mudanças significativas na vida eclesiástica.

Após a morte de Pio XII, que estava muito enfermo, o Cardeal Angelo Giuseppe Roncalli, patriarca de Veneza, foi eleito papa em 28 de outubro de 1958, adotando o nome de João XXIII. Inicialmente visto como um papa de transição. Ele governou a igreja por cinco anos até sua morte (DIAS, 2021).

A eleição de João XXIII e o subsequente Concílio Vaticano II marcaram uma profunda transformação na Igreja, refletindo a necessidade de uma renovação espiritual e pastoral em resposta aos desafios do mundo contemporâneo. Dessa forma, a mística cristã não apenas oferece uma resposta pessoal às inquietações espirituais, mas também orienta a Igreja em sua missão de ser um farol de esperança e compreensão no mundo.

O contexto que levou ao Vaticano II, especialmente sob a liderança de João XXIII, foi marcado por uma visão de renovação e diálogo com o mundo moderno, onde o concílio emergiu como uma resposta à necessidade de adaptar a Igreja às novas realidades sociais, culturais e políticas do século XX.

É neste cenário que surgem as reflexões da GS que giram em torno do conceito de criação-redenção, que sustenta a dignidade humana. A antropologia teológica apresentada no documento enfatiza que o ser humano é criado à imagem de Deus e que, através da vinda de Jesus ao mundo, todos são convidados a participar da vida divina. Essa visão culmina na compreensão do mistério do homem que é plenamente revelado no mistério do Cristo. Assim, a Constituição Pastoral afirma que a encarnação do Filho de Deus une-se a toda a humanidade, oferecendo uma resposta às aspirações mais profundas do ser humano (LÓPEZ, 2013). Segundo a GS, alguns fatores causam a inquietação humana, dentre eles se destacam as rápidas transformações sociais, científicas e tecnológicas; as dificuldades na identificação de valores duradouros; a divisão interna e conflitos; a desigualdade e a injustiça social; e os conflitos e divisões sociais:

A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra. Provocadas pela inteligência e atividade criadora do homem, elas re incidem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e coletivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas. De tal modo que podemos já falar duma verdadeira transformação social e cultural, que se reflete também na vida religiosa. Como acontece em qualquer crise de crescimento, esta transformação traz consigo não pequenas

dificuldades. Assim, o homem, que tão imensamente alarga o próprio poder, nem sempre é capaz de o pôr ao seu serviço. Ao procurar penetrar mais fundo no interior de si mesmo, aparece frequentemente mais incerto a seu próprio respeito. E, descobrindo gradualmente com maior clareza as leis da vida social, hesita quanto à direção que a esta deve imprimir (GS, 4).

Diante de circunstâncias tão complicadas, muitos têm dificuldade em identificar os valores que realmente perduram e em integrá-los com os novos que surgem. Assim, divididos entre a esperança e a ansiedade, sentem-se sobrecarregados pela inquietação ao refletirem sobre a atual evolução dos eventos. No entanto, essa situação desafia o ser humano, levando-o a buscar uma resposta (GS, 4).

O Documento reconhece que o mundo se apresenta como um lugar simultaneamente forte e frágil, capaz de realizar tanto o melhor quanto o pior. Diante de si, a humanidade se depara com a escolha entre liberdade ou servidão, progresso ou retrocesso, fraternidade ou ódio. E, nesse contexto, o ser humano se torna consciente de que cabe a ele direcionar as forças que ele mesmo gerou, que podem tanto esmagá-lo quanto servi-lo. Por isso, ele se questiona e se inquieta, gerando essa divisão e conflitos internos (GS, 9).

A desigualdade e a injustiça social geram inquietação, pois muitos se sentem privados de bens essenciais devido à distribuição desigual. Nações em desenvolvimento e aquelas que conquistaram sua independência buscam integrar-se aos benefícios da civilização, tanto política quanto economicamente, mas a distância em relação às nações mais ricas continua a crescer, frequentemente acompanhada de uma dependência econômica. Os povos que enfrentam a fome clamam por justiça, enquanto as mulheres lutam por igualdade de direitos e oportunidades. Trabalhadores e camponeses aspiram não apenas a garantir suas necessidades básicas, mas também a desenvolver suas habilidades e participar ativamente na vida econômica, social, política e cultural (GS, 9).

Por fim, os conflitos e divisões sociais se manifestam em um cenário pós-Segunda Guerra Mundial, onde, apesar do acesso sem precedentes a riquezas e oportunidades, muitos ainda enfrentam fome e pobreza. Embora as pessoas desfrutem de uma liberdade intensa, novas formas de servidão social e psicológica surgem. O mundo se torna mais interconectado, mas as divisões

profundas e os conflitos políticos, sociais e ideológicos persistem, com o risco de guerras ainda presente. O intercâmbio de ideias aumenta, mas os significados podem variar conforme as ideologias, e a busca por uma ordem mais justa não é acompanhada por um progresso espiritual correspondente (GS, 4).

Diante disso, a mística cristã poderia dar uma resposta às inquietações que permeiam a condição humana? Em um mundo marcado por rápidas transformações sociais, onde as certezas se desvanecem e a dificuldade em identificar valores duradouros se torna cada vez mais evidente, a mística se apresenta como uma luz orientadora. Ela oferece um caminho de introspecção e relação com o divino, permitindo que o indivíduo não apenas busque respostas, mas também encontre um sentido mais profundo e significativo em meio à incerteza e ao caos. Essa jornada mística possibilita uma reflexão interna que pode levar a uma renovação espiritual, ajudando a moldar uma identidade mais sólida e a cultivar uma paz interior que resiste às contrariedades da vida contemporânea.

A relação humano-divino, segundo Ales Belo, pode ser compreendida segundo duas categorias: a daqueles que vivenciam a experiência religiosa, percebendo a presença do Sagrado, que é aceita no nível psíquico, acolhida de forma consciente no nível espiritual e expressa no nível corporal; e daqueles que rejeitam a presença dessa, não aceitando no nível psíquico e, frequentemente, desenvolvendo argumentos teóricos no nível intelectual para sustentar suas crenças sobre a suposta ilusão do Divino, seguindo assim a via do ateísmo. De alguma forma, o homem estabelece uma relação com o Sagrado. Isso indica que a mística transcende fronteiras culturais e religiosas, sendo um caminho universal de busca pela conexão com o Divino, e pela compreensão mais profunda da existência humana. Nesse sentido, explorar a mística é adentrar em um terreno fértil de reflexão, contemplação e experiência espiritual, onde o encontro com o transcendente se entrelaça com a jornada interior de cada indivíduo em busca de significado e plenitude (ALES BELO, et al., 2020).

Segundo Pinheiro (2020), a palavra mística, além de ser definida como aquilo que está escondido, oculto ou em segredo, refere-se a um processo, ou seja, um conjunto de procedimentos acompanhados de um ritual estruturado em etapas, que busca concretizar estados psíquicos progressivamente mais intensos, revelando o divino e o oculto àqueles que se iniciam na experiência

mística. A partir dessa experiência, o indivíduo passa a compartilhar a vivência que adquire.

Para a Teologia Católica, o conceito de mística está intimamente ligado à ideia de perfeição: “Os cristãos, de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade” (LUMEN GENTIUM, 40), nas palavras do Evangelho: “Sede perfeitos, como o vosso Pai Celeste é perfeito” (Mt 5, 48 apud FERREIRA, 2023).

Para alcançar esta perfeição, empreguem os fiéis as forças recebidas segundo a medida em que Cristo as dá, a fim de que [...] obedecendo em tudo à vontade do Pai, se consagrem com toda a alma à glória do Senhor e ao serviço do próximo. Assim crescerá em frutos abundantes a santidade do povo de Deus, como patentemente se manifesta na história da igreja, com a vida de tantos santos (LUMEN GENTIUM, 2000, nº 40).

Este caminho espiritual leva à união cada vez mais íntima com Jesus Cristo. Esta união é denominada mística, pois o fiel é inserido no mistério de Cristo através dos sacramentos - que também são chamados de os santos mistérios - e, no mistério de Cristo, participa, igualmente, do mistério da Santíssima Trindade. Segundo a Teologia Católica, Deus chama a humanidade para vivenciar esta íntima união com Ele (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, nº 2014). É justamente nesta fonte que Charles de Foucauld tem sua inspiração e sua vivência mística como experiência de Deus no deserto. Esta experiência quer ser uma resposta ao homem inquieto e angustiado que busca a autorrealização.

2. Charles de Foucauld: o encontro com deus no outro que sofre

Charles de Foucauld nasceu em 15 de setembro de 1858, em Estrasburgo, França, em uma família católica abastada. Aos 6 anos, ficou órfão de pai e mãe, passando a ser educado sob a supervisão de seu avô materno. Apesar de sua timidez, destacava-se por sua inteligência e tinha uma grande paixão pela leitura. Durante a adolescência, entre 15 e 16 anos, afastou-se da fé e se entregou a uma vida que ele mesmo descreveu como desregrada, em busca de prazeres efêmeros. Com 20 anos, começou sua trajetória militar, que durou apenas seis meses. Nesse período, alternava entre a leitura, uma vida boêmia e seu relacionamento com a jovem Mimi, a quem apresentava como sua esposa. (DE LIMA, 2022).

Charles de Foucauld também teve uma carreira militar e se destacou como geógrafo, recebendo um importante prêmio por seus escritos sobre o Marrocos. Durante suas investigações geográficas, ele se disfarçou de rabino para ser melhor aceito pela população predominantemente muçulmana, o que o levou a se apaixonar pelo deserto. Nesse período, escreveu a obra *Reconnaissance au Maroc*, que lhe rendeu a medalha de ouro da Sociedade Geográfica de Paris em 1885, quando tinha apenas 27 anos. Sua exploração da África e o aprofundamento no estudo da língua e dos costumes árabes reacenderam seu desejo de buscar a Deus (DE LIMA, 2022).

Em 1886, Charles de Foucauld conheceu o Padre Huvelin, que o incentivou a buscar a Deus através do catolicismo. Após se confessar e comungar, ele se apaixonou pela fé católica e, em 1888, viajou para a Terra Santa, onde desejou se tornar monge em Nazaré. Sob a orientação do Padre, ingressou na Ordem da Trapa, permanecendo até 1897, quando decidiu viver de forma mais simples e recolhida, no mosteiro das monjas clarissas, onde sentiu seu chamado para a vida eremita² (DE LIMA, 2022).

Em 1901, Charles de Foucauld retornou à França, onde foi ordenado padre da diocese de Viviers. No entanto, ele desejava exercer seu ministério na África e obteve permissão para isso. Como eremita-sacerdote, dedicou-se à evangelização por meio de uma vida simples e caridosa, traduzindo os Evangelhos e criando dicionários, além de denunciar a escravidão e ajudar os mais pobres. Apesar de sua bondade, foi assassinado em 1º de dezembro de 1916, durante um ataque ao seu eremitério por rebeldes (DE LIMA, 2022).

Os escritos de Charles de Foucauld são de suma importância para a compreensão de sua espiritualidade e mística, pois oferecem um vislumbre de sua profunda relação com Deus e de sua busca por uma vida de entrega total aos que mais sofrem. Embora não tenha produzido obras formais, suas anotações feitas durante os retiros no deserto revelam a essência de sua experiência eremítica, bem como seu compromisso com a oração, a contemplação e a imitação de Cristo. Esses registros documentam sua jornada espiritual e fornecem elementos essenciais para a compreensão de seu itinerário espiritual

2. Termo originado do latim *eremus* (deserto): refere-se àquele que se retira para viver em oração, silêncio e solidão, dedicando-se a Deus. É uma forma de vida consagrada, que pode ser autônoma ou ligada a uma instituição religiosa, e é caracterizada pela prática dos conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência (DE LIMA, 2022).

desenvolvido no deserto. É neste sentido que a obra *A sós com Deus* (DE FOUCAULD, 2021) ressalta esses aspectos fundamentais da mística de Foucauld.

A obra reúne as anotações de diversos retiros, entre os quais se destacam o Retiro em Beni Abbès e o Retiro em Ghardaia. No deserto da Argélia, entre 1902 e 1904, Charles de Foucauld se retirou várias vezes para períodos de recolhimento, essenciais para a formação de sua espiritualidade e seu estilo de vida eremita. Nessas ocasiões, ele se afastou da sociedade para buscar uma conexão mais profunda com Deus e intensificar sua vida espiritual, voltando depois para a sociedade com o desejo de cuidar dos pobres e marginalizados, levando o amor de Deus a todos que cruzarem seu caminho. Passou longos períodos em oração e meditação, refletindo sobre a vida de Jesus Cristo e buscando orientação divina para sua caminhada.

Em seus escritos, Charles de Foucauld narra a serenidade e a beleza do deserto, que lhe proporcionaram a concentração necessária para se voltar para seu interior e escapar das distrações do mundo. Ele também enfatiza a importância de se entregar à vontade divina e confiar nos cuidados de Deus, mesmo nas adversidades e incertezas. Esses momentos de retiro foram fundamentais em sua jornada espiritual e o ajudaram a se tornar um exemplo de amor e serviço aos outros. Dentre as resoluções destes retiros, destacam-se 1) o desejo de imitar Jesus; 2) a oração comprometida com os problemas que o rodeiam; e 3) enxergar Cristo em todos:

1) Imitar Jesus fazendo da salvação dos homens tanto a obra de nossa vida que esta palavra Jesus - Salvador - expresse perfeitamente o que nós somos, assim como significa perfeitamente o que ele é... Para isso, 'Ser tudo para todos, com um único desejo no coração: dar às almas Jesus' (DE FOUCAULD, 2021, p. 75);

2) Dividir habitualmente meu tempo de oração em duas partes: durante uma (pelo menos igual à outra), contemplar e, se preciso, meditar; durante a outra, orar pelos homens, por todos sem exceção, e por aqueles dos quais estou especialmente encarregado. [...] Dedicar frequentemente uma hora inteira de oração para recitar uma vez o Pater: é a oração de Jesus (DE FOUCAULD, 2021, pp. 78-79);

3) Ver Jesus em todo ser humano e agir em conformidade... ter sempre presentes as palavras: "Dai a quem pede" ... conversar com os que vêm até mim, para travar com eles relações amigáveis, doar-lhes para relacionar-me com eles e poder dar-lhes na conversa alguma esmola espiritual (DE FOUCAULD, 2021, p. 110).

O deserto, seja geográfico ou espiritual, é um santuário de silêncio e encontro divino. Sem o silêncio, não há verdadeira comunhão com Deus. Charles de Foucauld enfatiza a importância do silêncio para ouvir a voz divina e cultivar uma relação mais profunda com Ele. Nesse ambiente de simplicidade e quietude, encontramos o espaço necessário para escutar Deus: “Guardar silêncio tanto quanto possível; mas rompê-lo sempre que Jesus em Nazaré o teria rompido em meu lugar, e na medida em que e do modo como ele o teria rompido” (DE FOUCAULD, 2021, p. 83), isto é, quando o outro necessita da sua caridade.

Os retiros de Charles de Foucauld em Beni Abbès (1902-1904) foram marcos fundamentais em sua jornada espiritual. Esses períodos de recolhimento permitiram que ele se concentrasse em sua vida interior, aprofundasse sua fé e aprendesse com os habitantes locais. Essa preparação o habilitou para uma vida de serviço, amor e dedicação aos outros, deixando um legado inspirador para todos que buscam uma existência autêntica e plena.

Em seu retiro espiritual em Ghardaia, Argélia (1905), ele expressou um ardente desejo: “Quero ser um instrumento de paz e amor” (DE FOUCAULD, 2021). Essa aspiração marcou um momento decisivo em sua jornada de entrega total à vontade divina. A partir dessa experiência profunda, surgiram resoluções práticas que convidam a mergulhar na fé, na prática da caridade e numa espiritualidade comprometida com os que mais sofrem. Segundo ele, toda sua espiritualidade pode ser resumida na máxima “imitar Jesus”:

Trabalhar com todas as minhas forças em santificar-me; é o melhor meio de imitar **Jesus**, santidade infinita, de obedecer-lhe: “Sede perfeitos”, de trabalhar por ele na salvação dos homens: fazemos o bem na medida em que o temos - qual pastor, tal rebanho - o valor de nossas obras é o valor do espírito interior que as anima - nossas obras valem na medida em que são obras da graça, do Espírito Santo, de **Jesus**. (DE FOUCAULD, 2021, p. 143, grifo do autor).

Após o retiro espiritual em Ghardaia, Charles de Foucauld elaborou resoluções que sintetizam sua experiência mística. Essas resoluções, registradas em seus cadernos pessoais entre 1906 e 1909, refletem seu ardente desejo de salvar almas, compartilhando a vida simples e praticando a caridade. No entanto, surgem dúvidas sobre a existência de anotações posteriores a 1904.

Conforme a nota de rodapé da obra (DE FOUCAULD, 2021, p. 185), apenas as “resoluções de retiro” de 1906 a 1909 estão registradas.

Charles de Foucauld exemplificou a essência do amor cristão, vivendo entre pessoas de diversas culturas e crenças no Saara e Marrocos. Respeitando suas diferenças, ele buscou salvar almas não apenas através da pregação, mas também proporcionando uma vida digna. Para ele, a melhor maneira de evangelizar era ser um reflexo de Cristo, testemunhando a caridade, a compaixão e a humildade. Sua abordagem de salvação entrelaçava a espiritualidade com a ação social, demonstrando que a verdadeira pregação é aquela que passa pelo testemunho:

Fazer todo o possível pela salvação dos povos infiéis destas regiões (Marrocos e Saara), com uma abnegação total. (Meios: [...] oração, penitência, bom exemplo, caridade, santificação pessoal, empregando eu mesmo esses meios e fazendo o possível para multiplicar os que os empregam entre eles e por eles). [...] imitá-lo em sua vida de Nazaré, com a adoração do santíssimo Sacramento, vivendo entre os povos mais abandonados... [...] Pensar, falar, agir como Jesus faria em meu lugar (DE FOUCAULD, 2021, pp. 187-188).

A vida e obra de Charles de Foucauld refletem uma profunda busca por Deus e um compromisso inabalável com os mais necessitados. Sua jornada espiritual, marcada por retiros no deserto e dedicação aos marginalizados, revela uma paixão incansável por imitar Jesus. Essa busca interior o levou a desenvolver uma espiritualidade rica e autêntica, centrada na oração, contemplação e serviço, que integra fé e vida cotidiana.

O legado de Charles de Foucauld permanece como um testemunho poderoso da importância de viver com compaixão, humildade e caridade. Sua história continua a inspirar gerações em busca de um encontro profundo com Deus e com o próximo, deixando um rastro de amor, serviço, transformação e respeito às diferenças, buscando sempre o bem-comum.

Durante seus retiros espirituais, Charles de Foucauld experimentou um profundo enriquecimento espiritual, graças a diversos elementos que moldaram sua jornada de fé e santidade. Em busca de uma maior intimidade com Deus, Foucauld dedicava longos períodos à oração, contemplação e meditação, buscando uma comunhão profunda com o divino.

Inspirado pela vida e ensinamentos de Jesus Cristo, ele procurava imitar o Mestre em sua simplicidade, humildade e amor pelos menos favorecidos, vendo em Jesus o modelo perfeito a ser seguido em sua própria jornada espiritual. Essa busca incansável por Cristo o levou a desenvolver uma espiritualidade rica e autêntica.

A caridade desempenhou um papel fundamental neste enriquecimento espiritual. Inspirado pelo exemplo de Jesus Cristo, que ensinou o amor incondicional e o serviço aos outros, Foucauld incorporou a caridade como um pilar central de sua espiritualidade. Ele entendia a caridade não apenas como uma ação de ajuda material aos necessitados, mas também como uma expressão do amor de Deus em ação.

Para Foucauld, a caridade não era apenas uma virtude a ser praticada ocasionalmente, mas sim um estilo de vida a ser vivido diariamente, refletindo o amor de Deus para com todos. Assim, a caridade foi um elemento essencial que enriqueceu a espiritualidade de Charles de Foucauld durante seus retiros, guiando-o em sua missão de ser um instrumento do amor e da paz de Cristo no mundo, especialmente entre aqueles que mais necessitavam de auxílio e compaixão.

Esses elementos, entre outros, foram essenciais para o enriquecimento espiritual de Charles de Foucauld durante seus retiros, moldando sua espiritualidade e preparando-o para a missão no Saara e para uma vida de serviço e amor ao próximo. A imitação de Jesus se revela não apenas como um ideal a ser alcançado, mas como o próprio cerne da existência cristã, onde a santidade infinita do Mestre se torna o modelo a ser seguido em todos os aspectos da vida.

3. A mística de Foucauld como resposta à inquietação

Em um contexto de rápidas transformações sociais, científicas e tecnológicas, a inquietação humana tende a se agravar, gerando angústia, desespero e uma profunda busca por significado. Nesse cenário complexo, surge a necessidade de uma resposta que transcenda a superficialidade, oferecendo um sentido mais profundo à existência. A mística, enquanto busca de uma união íntima e transformadora com o divino, apresenta-se como um caminho promissor para aliviar essa inquietação. A espiritualidade de Charles de Foucauld, marcada

pela dedicação aos marginalizados e pela busca incansável de Deus, ilustra vividamente essa perspectiva, revelando que a mística é, simultaneamente, uma experiência pessoal e um compromisso social profundo.

Esta reflexão visa explorar como a mística pode ser uma resposta autêntica e transformadora à inquietação humana, integrando fé, vida cotidiana e compromisso social, e demonstrando como a caridade se torna um caminho de transformação pessoal e coletiva. Para compreender a dimensão social da experiência mística é preciso compreender que o caminho de ascese não pode ser apenas espiritual, mas, como afirma Marcelo Timotheo da Costa, no texto *Por uma mística da libertação*, presente na obra *Mística e ascese: da tradição platônica à contemporaneidade* (2020), tem que ser um caminho que se preocupa com o social, que promove a libertação anunciada por Jesus, a partir de um olhar àqueles que mais sofrem. Para isso, é necessário olhar a mística sob duas perspectivas: a disponibilidade e a libertação.

Na introdução de *O Livro da Divina Consolação e outros textos seletos*, de Mestre Eckhart (2006), escrito por Leonardo Boff, os conceitos de disponibilidade e libertação são apresentados como uma atitude de total abertura e receptividade à ação de Deus, permitindo que Sua presença se manifeste plenamente no indivíduo. Estar disponível significa libertar-se dos próprios desejos egoístas e dos apegos, criando espaço para que a ação divina se concretize na vida da pessoa. Trata-se de uma entrega irrestrita, um acolhimento total ao que Deus deseja oferecer, sem barreiras ou limitações (BOFF, 2006).

Por outro lado, a libertação, na mística, refere-se ao processo de transformação tanto interior quanto exterior, voltado para a superação das amarras do ego, das injustiças sociais e das limitações humanas que impedem a plena experiência da presença divina. Libertar-se implica romper com as estruturas mentais e comportamentais que aprisionam o ser humano, buscando a verdadeira liberdade, que se encontra na união com Deus (BOFF, 2006).

Assim, dentro do contexto místico, disponibilidade e libertação estão profundamente entrelaçadas. A abertura para Deus e para a Sua ação é o caminho que conduz à libertação interior e à transformação do ser, levando-o a uma realização espiritual plena. Por meio dessa disponibilidade e da busca por libertação, o indivíduo se torna capaz de viver uma experiência íntima da presença divina, permitindo que a luz de Deus ilumine e guie seu percurso, não

apenas no âmbito espiritual, mas também nas ações sociais que impulsionam a amar a Deus em todos aqueles que Ele ama, especialmente as vítimas da opressão (BOFF, 2006).

Os conceitos de disponibilidade e libertação na espiritualidade de Charles de Foucauld são marcados pela entrega total a Deus e pela incansável busca pela libertação dos oprimidos. A disponibilidade de Foucauld se manifestava em sua vida dedicada ao serviço dos mais necessitados, evidenciando a presença divina em cada gesto de sua existência. Sua entrega sem condições e seu profundo desejo de acolher a vontade de Deus o conduziram a viver entre os Tuaregues, no deserto do Saara, transmitindo o Evangelho através de sua própria vivência. É relevante notar que, em nenhum momento, Charles de Foucauld teve a intenção de converter as pessoas ao cristianismo; seu objetivo era, sim, proporcionar a elas dignidade, acolhimento e respeito, características que exemplificam sua disponibilidade e seu anseio por libertação (DE LIMA, 2022).

Foucauld também se dedicava à promoção da justiça social e da fraternidade entre os povos, considerando que o Saara era uma região habitada por muçulmanos, judeus, católicos e diversas outras expressões religiosas. Sua atuação em prol dos mais vulneráveis e marginalizados refletia a essência da mística da libertação, que visa transformar as estruturas sociais injustas e desumanas. A busca pela libertação motivava Foucauld a lutar pela justiça e pela dignidade dos excluídos, enfrentando as injustiças sociais e promovendo a reconciliação entre os povos. Sua visão de uma sociedade mais fraterna e solidária era sustentada pela convicção de que a verdadeira liberdade só se concretiza quando todos têm seus direitos respeitados e são tratados com amor e compaixão. Assim, a mística, para ele, não se limita ao encontro com o Divino na transcendência, mas é um convite a ver Deus no próximo e nas suas necessidades (DE LIMA, 2022).

Dessa forma, é possível perceber que, na espiritualidade de Charles de Foucauld, a disponibilidade e a libertação se entrelaçam de maneira profunda, inspirando uma abertura à ação divina e estimulando o compromisso com a construção de um mundo mais justo e solidário. A mística da disponibilidade e da libertação, na vida de Foucauld, se configura como uma fonte de inspiração para cultivar um coração disposto a acolher a presença de Deus e se comprometer

na edificação de uma realidade onde a liberdade e a dignidade de cada ser humano sejam sempre respeitadas e protegidas.

Conclusão

Este artigo oferece uma reflexão sobre o encontro entre a inquietação humana, a experiência mística e a busca pelo sentido da vida. Fruto de uma pesquisa sobre dignidade humana, mística cristã e a relevância da experiência de Charles de Foucauld, propõe uma análise que ilumina a compreensão teológica e sugere um caminho prático para viver a fé no contexto contemporâneo, pela via da caridade.

A mística cristã oferece uma resposta à inquietação humana, levando à busca por significado e compreensão da vida. Essa busca é uma constante na experiência humana. A mística transcende o racional, permitindo uma conexão profunda com o sagrado. Não é apenas uma prática espiritual, mas uma forma de viver a fé.

A experiência mística de Charles de Foucauld oferece um modelo inspirador de como viver uma espiritualidade autêntica, caracterizada pela busca da presença divina na simplicidade e solidão do deserto, e, simultaneamente, pelo compromisso compassivo com os marginalizados, promovendo uma transformação pessoal e social profundas.

Nesse cenário, a mística cristã se apresenta como um caminho que valoriza a experiência humana e a busca por Deus em meio às complexidades da vida. Ela se torna uma abertura para um diálogo entre a fé cristã e as realidades do mundo contemporâneo. Em um tempo de desafios, transformações rápidas e crise de valores, marcado por divisões internas e conflitos, ferido pela desigualdade e pelas injustiças, e dilacerado pelas divisões sociais, a experiência mística de Charles de Foucauld surge como uma luz que ilumina as sombras da inquietação. A caridade, entendida por ele como a forma mais autêntica de imitar a Cristo (DE FOUCAULD, 2021), não apenas beneficia quem a recebe, mas também traz paz interior àqueles que a praticam.

A partir dos escritos espirituais de Charles de Foucauld, que traduzem sua experiência com Deus no encontro com o outro, é possível compreender de forma mais profunda o papel da mística cristã na vida contemporânea. Sua vivência no deserto leva a uma reflexão sobre a profundidade da experiência

religiosa e sua implicação no cotidiano, mostrando que a mística cristã não é uma fuga da realidade, mas uma resposta à inquietação humana. Para aqueles que buscam um encontro genuíno com o divino, Foucauld revela que o “a sós com Deus” não isola, mas torna mais sensível e comprometido com o sofrimento do outro e com a transformação do mundo ao redor.

Referências

- ALES BELLO, A. et al. *Fenomenologia e experiência religiosa*. Curitiba: Juruá, 2020.
- ALMEIDA, A. J. Critérios para interpretação do Vaticano II, in: *REB: Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes: out/2012 (n. 288).
- AZEVEDO, W. F. *O deserto de Charles de Foucauld: hospitalidade, fraternidade e mística*. Instituto Humanitas Unisinos. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/192-paginas-especiais/608857-charles-de-foucauld> Acesso em: 30 de dez. 2024.
- BOFF, L. Mestre Eckhart: a mística da disponibilidade e da libertação. In: ECKHART, M. *O livro da divina consolação e outros textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. *Constituições, Decretos, Declarações*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção: Documentos da Igreja)
- CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção: Documentos da Igreja).
- DE JESUS, Irmãzinha Annie. *Charles de Foucauld*. São Paulo: Cidade Nova, 2004.
- DE LIMA, Ir. Vanderlei. *Vida e espiritualidade de Charles de Foucauld & regra de vida eremítica*. São Paulo: Cultor de Livros, 2022.
- DE FOUCAULD, C. *A sós com Deus*. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.
- DE FOUCAULD. *Aos meus irmãozinhos*. Petrópolis: Vozes, 2020.
- DIAS, T. C. S. *Ecclesia semper reformanda: a necessária e urgente reforma do papado*. Cordis. Dossiê: Religião e Sociedade, São Paulo, v. 1, n. 26. 2021.
- JOÃO XXIII, Papa. *Humanae Salutis*. In: *CONCÍLIO VATICANO (2.:1962-1965). Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção: Documentos da Igreja)

- JOÃO XXIII. Discurso de Abertura. In: *CONCÍLIO VATICANO (2.:1962-1965). Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção: Documentos da Igreja)
- LÓPEZ, J. M. H. Chaves Teológicas da Gaudium et Spes. In: *Studium: revista teológica*. Curitiba: Studium Theologicum, 2013 (Ano 7 / n. 12).
- MARIANI, C. B. Mística e teologia: desafios contemporâneos e contribuições. *Revista do Dpto. De Teologia da PUC-Rio/ Brasil*. Ano XIII, v. 33, 2009.
- PINHEIRO, M. R. O Conceito de Mística: As Origens. In: LOSSO, Eduardo Guerreiro; BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcus Reis (orgs.). *A Mística e os Místicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022, p. 13-22.
- QUADROS, B. Contribuições da espiritualidade de Charles de Foucauld em contexto de pluralismo cultural e religioso. *Revista do Instituto Humanistas Unisinos – IHU*, 2016.
- RATZINGER, J. *O novo povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- SANTANA, W. *São Charles de Foucauld: um homem que aprendeu a ser feliz*. São Paulo: Paulus, 2024.
- SOUZA, N. de. *Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II*, in: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATO, Vera Ivanise (Orgs). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*, São Paulo: Paulinas, 2004.
- TEIXEIRA, F. *Malhas da Mística Cristã*. Curitiba: Appris, 2019.
- TRASFERETTI, J. GONÇALVES, P. S. L. *Teologia na Pós-modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- VELASCO, J. M. *El fenómeno místico: Estudio comparado*. Espanha: Editorial Trotta, 2009.